

Introdução

“Une conviction robuste anime ici l'historien: quoi que l'on dise du caractère sélectif de la collecte, de la conservation et consultation des documents, de leur rapport aux questions que leur pose l'historien, voire des implications idéologiques de toutes ces manœuvres — le recours aux documents signale une ligne de partage entre histoire et fiction (...).”

Ricoeur, 1985, p. 203, 204

Com este trabalho, propus-me, em primeira instância, estabelecer as bases mínimas para o estudo do povoamento neolítico e calcolítico da região da serra d'Ossa, considerado no pano de fundo dos diversos círculos geográficos em que, com centragens diversas, de acordo com as distintas épocas, se pode contextualizar.

Procura-se aqui entender a arqueologia como uma actividade re-criativa, em que o objecto somos, até certo ponto, nós próprios, os homens de hoje e as nossas paisagens físicas e mentais. Em boa verdade, restam-me poucas dúvidas de que as leituras que vamos sin-copadamente refazendo (Renfrew, 1984, p. 3; Shanks e Tiley, 1987, p. 109; Shanks e Hodder, 1995, p. 5; Trigger, 1992, p. 375) não podem pretender, se honestamente apresentadas, recuperar de uma forma definitiva a “verdade” do passado.

No entanto, face a um certo desnorte pós-moderno, em que se majorou a vertente subjectiva da (re)construção do passado e se lutou pela recuperação do “direito à diferença”, valorizando os contextos e a dimensão simbólica da cultura material, não parece descabido reafirmar a importância da obtenção de novos dados, nomeadamente através de trabalhos básicos como é o caso da prospecção, na óptica de uma arqueologia regional, indispensáveis à elaboração da própria ordem de trabalhos sobre a qual se deverão centrar os debates e as interpretações.

Os povoados ou os artefactos, evidentemente, não falam por si; porém, os diversos métodos que permitem, com eles, construir um texto, não os dispensam. A mais imaginativa e literária das propostas só é credível se coerentemente apoiada nos dados arqueológicos e sujeita-se sempre a revisão, em face de novas evidências (Fortea e Martí, 1984-85, p. 168; Gallay, 1986, p. 96; Gonçalves, 1989a, p. 474). É verdade que também a mais espartana e engenhosa das quantificações é incapaz de produzir qualquer gráfico se não dispuser de dados quantificáveis em número e qualidade suficientes.

Afasto-me deliberadamente, neste aspecto, de uma atitude radical que considera que “o nosso problema pode não ser de escassez de evidências, mas de definir que elementos da evidência são significantes” (Thomas, 1991, p. 2-3). É sintomático que o autor citado afirme, noutra passo, que a “escassez das escavações e das prospecções” em algumas áreas de Inglaterra, não teriam permitido o tipo de análises em que se baseia a sua interessante revisão sobre o Neolítico (Thomas, 1991, p. XV).

Selecionei uma fatia cronológica relativamente ampla, que engloba a emergência e a consolidação das primeiras sociedades camponesas e em que se verificou o “trânsito económico, tecnológico, social e urbanístico” (Martín de la Cruz, 1994, p. 23), a que poderemos, no mesmo plano, acrescentar o trânsito político (Nocete, 1989) e religioso (Gonçalves, 1989a; Hurtado, 1990), entre essas sociedades e as que têm vindo a ser denominadas de agro-metalúrgicas.

Sem pretender, de modo algum, apresentar leituras definitivas (sempre perigosamente fechadas), interessa-me integrar e contrastar os dados adquiridos com o *corpus* de conhecimentos e de interpretações disponível, desenvolvendo preferencialmente os aspectos em que a informação inédita, reunida sinteticamente no inventário em anexo, seja mais consistente.

O âmbito espacial seleccionado, a região da serra d'Ossa, em vez de concebido como uma simples área de estudo, neutra e asséptica, subjectivamente equivalente a qualquer

outra, foi, desde o início, o verdadeiro tema deste trabalho; procurei estudar, mais do que tudo, uma paisagem e, através da abordagem selectiva e problematizadora de alguns dos traços que nela se conservaram, procurei uma aproximação às distintas formas como os homens, ao longo de uma certa diacronia, a reinventaram e transformaram e, simultaneamente, se adaptaram a ela.

Quase todos os arqueólogos que se dedicam prolongadamente a uma determinada área de estudo, acabam por desenvolver com ela uma relação afectiva, de que resulta uma arqueologia, mais ou menos declaradamente, *engagée*; no meu caso, que aliás não constitui excepção, essa ligação é conscientemente assumida e dela decorre uma implicação teórica e metodológica fundamental: interessa-me não apenas o contributo da pré-história regional para a compreensão de fenómenos e processos mais globais e genéricos, mas também as situações atípicas, as excepções e as particularidades, numa perspectiva que, sem virar as costas às questões antropológicas, as procura enquadrar na teia do tempo e na personalidade de um espaço concreto.

As questões ligadas à salvaguarda e à gestão do património, de que os investigadores, como cidadãos particularmente responsáveis, não se podem alhear, ajudaram a decidir a opção fundamental da orientação deste projecto no sentido da prospecção de superfície.

Aderi, naturalmente, ao princípio de “investigar para conservar e conservar para investigar” (Ruiz, 1989, p. 15), como uma chave para a própria dinamização de projectos de prospecção arqueológica com preocupações e métodos que ultrapassem as simples listagens descritivas.

Não me foi possível aprofundar uma série de aspectos relativos aos dados que obtive, nem, nalguns casos, tal me pareceu pertinente; de facto, a premência do tempo e a carência de meios, obrigaram-me a encurtar caminho, a simplificar algumas análises e a adiar outras. Todas as opções metodológicas têm um preço, pelo que espero que, no balanço final, os resultados positivos suplantem as lacunas.

Este trabalho sempre foi entendido com uma primeira abordagem, um diagnóstico provisório, sobre um tema de que, de início, se ignorava quase tudo; espero poder, em trabalhos futuros, aclarar muitas das propostas agora esboçadas e, naturalmente, se necessário, contrariar outras.

O paradigma teórico-prático donde parti e que adquiri por formação, assenta numa clara valorização do “dado arqueológico”, em face dos fundamentos extremamente precários de que partem muitas das leituras em voga; não ignoro, porém, que os trabalhos de campo e, em particular, os que resultam da prospecção arqueológica, precisam de ser norteados por uma avaliação prévia não só dos dados, mas também das diversas leituras que permitem entendê-los.

Trata-se, como sabemos, de um processo de *feed-back* em que, em última análise, a própria recolha “objectiva” dos dados é contaminada pela interpretação que fazemos da realidade, mais ou menos inconscientemente traduzida nos modelos que escolhemos e defendemos (Hernando Gonzalo, 1992, p. 13; Shanks e Tiley, 1987, p. 1, 2, 11).

Considero, sem dúvida, o interesse pelo estudo dos processos de mudança cultural como um contributo positivo para o pensamento e a prática arqueológicos. Procurarei, mesmo assim, acautelar-me de generalizações que me pareçam redutoras, na convicção de que os próprios processos necessitam de um enquadramento adequado em contextos espaço-temporais concretos.

Acrescente-se, a propósito, que o papel que atribuo, neste trabalho, ao contexto geográfico, não implica, de modo algum, uma leitura estritamente funcionalista; com efeito, interessa-me extrair, da relação entre as realidades arqueológicas e o quadro físico que as

conformou, tanto as regularidades que, em geral, remetem para o primado da economia, que não quero nem posso desdenhar, como as excepções (ou outras regularidades) que com frequência apelam a explicações de outra natureza.

O homem não é (e provavelmente nunca foi) apenas um “estômago bípede” (Nocete, 1988, 1989), cujas trajectórias e realizações dependam exclusivamente da optimização dos recursos. À dimensão política, sublinhada por este autor, haverá que somar a dimensão simbólica do fenómeno humano (Hodder, 1982, 1990; Thomas, 1991).

É, em suma, numa confluência de contributos teóricos e metodológicos que, em cada momento, a arqueologia se orienta e reorienta; cumpre-nos procurar evitar os sectarismos lineares, sempre parciais e passageiros, em busca de um maior alcance efectivo na nossa relação com os traços “dos homens no tempo” (Bloch, 1976, p. 29).

O plano deste trabalho estrutura-se, classicamente, em três momentos distintos. No primeiro, procura-se fazer a explicitação das opções metodológicas, seguida por uma caracterização do cenário. Esta primeira parte completa-se com a listagem comentada dos dados arqueológicos publicados, na região da serra d’Ossa, em paralelo com a imagem global de que actualmente dispomos, em áreas de referência mais alargadas. Nesta componente, insere-se também uma breve referência aos modelos, cuja discussão considero mais pertinentes e que informaram, desde o início, a própria problematização dos temas abordados.

Num segundo momento, apresentam-se os dados obtidos que constituem, mais do que qualquer interpretação bem argumentada ou explicação fundamentada, o lastro deste trabalho, apto para ser relido, repensado e transfigurado em novas abordagem e com outras metodologias.

Por último, faz-se uma análise sumária, radicada na evidência previamente reunida, das principais características do povoamento e da cultura material em termos regionais, com a qual se traçam as hipóteses cronológicas possíveis e se procuram lançar algumas linhas mestras para a sua avaliação e interpretação.